

# A PRÁTICA DOCENTE NA ESCOLA NAVAL E A PANDEMIA COVID-19: UM DESAFIO VENCIDO

CMG (RM1-IM) *Hercules Guimarães Honorato*<sup>1</sup>

CC (T) *Tiane Rezende Corças de Andrade*<sup>2</sup>

1T (RM2-T) *Caroline de Souza Pereira Dias*<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

“Professores, há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.” (ALVES, 2015, p.16).

Esse mundo tecnológico atual, de milhões de informações que tramitam em micro segundos, nos deixou frágeis e ansiosos. O certo que tínhamos pode agora ser o incerto, o incompreensível; agora, nada é linear, as crises locais, setoriais, ganham força e passam a ser mundiais. E, assim, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia do novo Coronavírus (Sar-Cov-2), um inimigo invisível que paralisou todo o planeta. Passamos todos a conhecer a quarentena, o isolamento social, a morte mais perto, em suma: passamos a ter medo, medo até de respirar e sermos contaminados.

Tudo parou e ainda continuamos, aos poucos, a voltar a uma nova normalidade. As instituições de ensino em todo o planeta pararam suas atividades e fecharam suas portas. O ensino-aprendizagem que tra-



Figura 1. O ensino na Escola Naval durante a pandemia

Fonte: Escola Naval

dicionalmente era presencial, com o fechamento das instituições de ensino, passou a ser remoto e em caráter emergencial. A pandemia afetou em grande medida todos os níveis de formação educacional, e a Escola Naval não foi diferente.

Assim inicialmente exposto, sentimo-nos instigados a apresentar a situação acadêmica vivida no ensino superior militar em relação ao ensino-aprendizagem em função da alteração do ensino presencial para o remoto emergencial. A abordagem metodológica foi qualitativa e, como o objeto de pesquisa é atual e como apresenta diversos pontos de interrogação em sua construção, inclusive com conceitos novos, utilizamos a pesquisa exploratória como forma de torná-lo familiar. O levantamento de dados contou, além das pesquisas documental e bibliográfica, com fonte de

<sup>1</sup> Professor-pesquisador do Instituto Naval de Pós-graduação. E-mail: hercules.guimaraes@marinha.mil.br

<sup>2</sup> Pedagoga da Escola Naval. E-mail: tianerezende@gmail.com

<sup>3</sup> Professora da Escola Naval. E-mail: carolinepereira@hotmail.com

dados primária, realizada por intermédio de dois relatórios que sintetizavam questionários aplicados aos docentes sobre o Ensino Remoto Emergencial (ERE) da Instituição de Ensino Superior (IES) militar em tela.

Em relação à formação dos seus docentes e ao tripé educacional, ou seja, ensino-aprendizagem-avaliação, a seguinte questão de pesquisa norteou os estudos desenvolvidos: como esta IES militar deverá caminhar em seu ecossistema educacional no pós-pandemia?

## QUADRO TEÓRICO

Ao iniciarmos a busca por estudos relacionados ao tema de ERE, verificamos que este termo é atual e que foi cunhado para ser utilizado durante o período de emergência sanitária que ainda estamos passando. Paiva (2020, p.61) afirma que esta nova denominação “[...] viralizou na mesma velocidade da propagação do novo coronavírus”. Porém, dois descritivos tornaram-se importantes, além de ERE, trataremos também da Educação a Distância (EaD) e do Ensino Híbrido.

Ao começarmos a apresentar a EaD, o ERE e o Ensino Híbrido, temos que fazer um voo rasante pelo currículo escolar nesse novo marco em que o ecossistema de aprendizagem se encontra no atual momento. Assim, uma reflexão inicial como a escolarização universal que vivíamos caminha para uma ação educativa distribuída e interconectada, passando do foco central do ensino que era o professor para o aluno e todos os envolvidos, pertencentes ao ecossistema educacional.

Martins (2020, p.245) deixa claro que a EaD é uma modalidade de ensino “apartada da educação presencial, com regras específicas e restrições de aplicação”. Esse autor ainda estabelece seis principais elementos componentes: (i) a distância entre professor e alunos; (ii) a influência de uma organização educacional que planeja e prepara materiais de aprendizagem; (iii) o uso de meios tecnológicos e mídias; (iv) a possibilidade de comunicação bidirecional; (v) a possibilidade de encontros também presenciais; e (vi) um formato “industrializado” de educação. As possibilidades dessa modalidade, porém, multiplicam-se com o uso de tecnologias digitais e de rede, gerando diferentes modelos de educação para o desenvolvimento profissional ou pessoal que requerem, ainda assim, a interação entre discentes e docentes.

O segundo conceito a ser exposto é o do Ensino Híbrido, também conhecido como *Blended Learning*, que seria, em síntese, o uso de soluções combinadas ou mistas, envolvendo a interação entre as modalidades presencial e a distância, a interação entre abordagens pedagógicas e a interação entre recursos tecnológicos (MOREIRA; SCHEMMER, 2020). O planejamento estratégico é primordial no Ensino Híbrido para criar a conexão entre os momentos de ensino presencial e os a distância, com o fulcro na utilização da tecnologia disponibilizada com intencionalidade.

Neste contexto de pandemia que estamos vivendo atualmente, chegamos à conclusão, de posse dos dois conceitos anteriormente expostos, de que não estamos fazendo EaD e nem Ensino Híbrido. Estamos em um momento excepcional e temporário, onde se espera mais cedo ou mais tarde voltarmos ao normal, ou como ficou conhecido “novo normal”. No campo educacional, a solução encontrada pelas redes e instituições de ensino ficou conhecida como Ensino Remoto Emergencial (ERE). Rondini, Pedro e Duarte (2020, p.41) afirmam que “o momento pandêmico é desafiador e enriquecedor para a prática pedagógica”.

Por que esse momento de pandemia seria desafiador? Vendo pelo olhar dos professores, que não estavam preparados para a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e que precisaram, de uma hora para a outra, transpor os seus conteúdos previstos nos currículos e adaptá-los para as aulas não presenciais. E em relação aos alunos, que no caso brasileiro, com profundas desigualdades sociais e educacionais, não tinham acesso com qualidade à internet para o recebimento, quando recebiam, das aulas filmadas pelos docentes ou material que deveriam estudar. A infraestrutura dos estados e municípios também não estava preparada para um momento tão disruptivo como o fechamento compulsório das escolas e universidades.

Na literatura educacional, não existe o termo “Ensino Remoto Emergencial”, o termo foi cunhado a partir da emergência sanitária mundial em curso, portanto, não é uma modalidade de ensino (COSTA, 2020). As dificuldades dos docentes para a incorporação dos recursos tecnológicos em sua prática até então presencial foram destacados por Rondini, Pedro e Duarte (2020) como a dificuldade de se adaptar, rapidamente, a uma nova prática de ensino, a desigualdade

social dos estudantes e o aumento considerado da jornada de trabalho.

## ANÁLISES E DISCUSSÃO

Esta seção analisa e discute os dois relatórios que foram encaminhados à Diretoria de Ensino da Marinha (DEnsM), órgão central do Sistema de Ensino Naval (SEN), como resultados da aplicação efetiva do ERE e seus resultados na visão dos seus docentes. Os relatórios são o dos Cursos Presenciais com Atividades por EaD para Docentes e o do Questionário Aplicado aos Docentes sobre o ERE. Seguem as referidas análises.

### Relatório do questionário aplicado aos docentes sobre o ERE

O primeiro relatório analisado, que trata sobre o ERE e os docentes, foi baseado em um questionário denominado *ERE/fale com o Serviço de Orientação Pedagógica*, que teve como objetivo ser um canal de comunicação para o corpo docente, com o intuito de acompanhar o andamento das práticas educacionais durante o período de ensino remoto no primeiro semestre, devido ao isolamento social. O questionário contou com seis questões abertas sobre o andamento das atividades acadêmicas, na orientação e supervisão didático-pedagógica, mas apenas quatro serão analisadas neste estudo. Ele foi disponibilizado a todo Corpo Docente através do *Google Forms*, no período de 21 de julho a 6 de agosto de 2020.

À época de aplicação do questionário, o total de docentes era de 117, tendo sido retornados 75 questionários respondidos. A tabela 1 a seguir mostra o total de respondentes por categoria funcional.

Tabela 1. Respondentes por Centro de Ensino

Respondentes por Categoria	Quant.
Professor do Magistério Superior Militar (MES)	33
Instrutor Tarefa por Tempo Certo (TTC)	22
Magistério Militar Naval (MMN)	9
Instrutor da Ativa (COMCA)	6
<b>Total</b>	<b>75</b>

Fonte: Relatório EN (2020, p.2).

Os resultados verificados tinham como escopo que os professores compartilhassem suas experiências e os pontos a melhorar no ERE, além de pontos positivos e sugestões para o aperfeiçoamento do uso de novas metodologias e ferramentas digitais no ensino remoto e também presencial. Assim exposto, são listadas as perguntas analisadas.

*Quais são as dificuldades que encontrou ou está encontrando no ERE de forma geral (Planejamento, metodologia, ferramentas, avaliação, Ad-T, interação, etc)?*

As cinco principais respostas, que conseguiram um quantitativo de mais de seis respondentes com a mesma visão foram: Não houve dificuldades; aplicação e correção de Avaliações (Ad-Ts, Testes); interação com o Corpo de Aspirantes; carência de internet de boa qualidade a bordo; e adaptação ao uso de novas ferramentas tecnológicas. No ensino a distância, o que pode ser verificado da relação professor-aluno e também aluno-aluno é a boa comunicação, além do bom preparo nas ferramentas tecnológicas disponíveis.

*Quais são as dificuldades que encontrou ou está encontrando com os Aspirantes?*

As cinco respostas apresentadas foram: Não houve dificuldades; interação com o Corpo de Aspirantes; carência de internet de boa qualidade a bordo; pontualidade no horário da aula; e disciplina no cumprimento das atividades. O que podemos verificar como dificuldades (como pontualidade e disciplina no cumprimento das tarefas) são características da educação a distância, em que existe uma separação física entre docentes e discentes, e o espaço e o tempo são amplos, porém, é necessário que o estudante tenha dedicação e responsabilidade pelo cumprimento das atividades, sejam síncronas ou assíncronas, visto que é propiciado e desejado ao estudante a sua autonomia acadêmica.

*Quais os pontos positivos que conseguiu identificar em suas práticas durante o período de ERE?*

Esta questão suscitou um número considerado de respostas, cerca de 40 diferentes. Mantendo-se no mesmo diapasão de análise, apresentamos as cinco respostas mais similares que foram verificadas, a listar: Possibilidade de planejar aula com uma demanda administrativa reduzida; possibilidade de rever aulas disponibilizadas; interação com o Corpo de Aspirante;

aplicação de novas práticas e metodologias de ensino; e flexibilidade na aplicação do conteúdo. A análise desta questão torna-se fácil, pois caminha ao encontro do que está preconizado nas normas da Marinha para o seu ensino, que foi anteriormente apresentado, e também pelo que os autores citados no quadro teórico vislumbram como possibilidade de mudança na prática docente, em destaque a possibilidade de aplicação de novas práticas e metodologias de ensino.

*Quais as sugestões que acha importante compartilhar para que sejam adaptadas às práticas educativas, na EN, daqui em diante?*

A questão suscitou diversas contribuições, sendo a mais relevante a melhoria da rede de internet e *Wi-Fi* da instituição. Tal situação foi amplamente compartilhada nos estudos sobre o tema do ensino remoto emergencial como ponto nevrálgico no seu melhor aproveitamento. O que se verifica é que existe o acesso à internet como Castioni *et al.* (2021) ressaltam, mas não com a qualidade necessária. O que é condição primária para um ensino remoto de qualidade, segundo Saviani e Galvão (2021, p.38) é “[...] o acesso ao ambiente virtual propiciado por equipamento adequados (e não apenas celulares); acesso à internet de qualidade [...]”.

Outras sugestões dos docentes respondentes foram: Elaboração de uma plataforma institucional (AVA) e ferramentas oficiais para o ERE; disponibilizar ferramentas digitais e metodologias para práticas inovadoras em aulas presenciais; usar ferramentas para elaboração de vídeoaulas; e incentivar o Corpo de Aspirantes em atividades acadêmicas. Este último ponto merece uma reflexão maior, pois o docente passa também, mesmo que a distância dos olhos, a incentivar o discente a estudar e pesquisar de modo independente e a fortalecer o aprendizado colaborativo.

### Relatório sobre o questionário dos cursos presenciais com atividades por EaD para docentes

Esta pesquisa, realizada no final do ano letivo, teve como objetivo avaliar o período de ERE adotado na EN durante a pandemia. O questionário foi disponibilizado para todo o Corpo Docente por *e-mail*, sendo aplicado no período de outubro a dezembro de

2020 e elaborado pela DEnsM através da plataforma *Moodle*, contendo 27 perguntas para respostas qualitativas de aspectos positivos, negativos e a melhorar. Participaram 48 docentes de um efetivo, à época, de 138, representando 34,8% de respondentes. Para esta seção, nem todas as perguntas são expostas, apenas as consideradas efetivas para o trato do objeto de estudo.

Uma questão interessante que corrobora o que o referencial teórico ressalta é que os professores foram guiados ao ensino remoto sem serem preparados para a utilização e o bom uso de ferramentas tecnológicas, tendo que se adaptar rapidamente a uma nova possibilidade de ensino. Por isso mesmo, na tabela 2 a seguir, podemos ratificar que essa situação também foi verificada na EN.

Tabela 2. Realizou cursos/treinamentos/capacitação para uso das ferramentas digitais?

Respostas	Frequência	%
Não	32	66,67 %
Algumas vezes	8	16,67 %
Muitas vezes	4	8,33 %
Sempre	4	8,33 %
<b>Total</b>	<b>48</b>	

Fonte: Escola Naval (2020, p.2).

A transferência do presencial para o virtual não é simplesmente manter a didática desenvolvida em sala de aula, seria necessária a construção de currículos que reconheçam as novas formas de produção e relação com o conhecimento, saindo da condição solitária e expositiva deste para o lugar de produção de saberes de experiências. Mill e Zanotto (2021, p. 16) asseguram que o desafio maior dos professores e das escolas é “[...] assimilar e ressignificar as transformações em sala de aula, criando estratégias de engajamento dos estudantes nos estudos, agregando conhecimento [...]”. Assim, ao apresentarmos a seguir a tabela 3, nota-se que mais de 60% dos docentes da Escola Naval sempre complementam as suas disciplinas com leituras indispensáveis, propiciando uma autonomia para os estudos do seu alunado, muito importante no período de distanciamento social e acadêmico.

Tabela 3. As aulas foram complementadas com materiais de estudo?

Referências disponíveis	Frequência	%
Não	0	0 %
Às vezes	3	6,25 %
Quase sempre	15	31,25 %
Sempre	30	62,5 %
<b>Total</b>	<b>48</b>	

Fonte: Escola Naval (2020, p.3).

Um ponto de destaque e que deve ser exposto neste momento é que no ensino superior temos disciplinas ou atividades acadêmicas que não são possíveis virtualmente. Moran (2003) deixa-nos claro, sob este ponto de vista, que a educação *online* não equivale à educação a distância. Honorato e Marcelino (2019, p. 32) apresentam a visão de um professor universitário sobre o Ensino a distância como sendo que “[...] a exigência é menor e a falta de laboratórios prejudicam muito o ensino prático. As aulas teóricas também são prejudicadas, pois os alunos não têm grandes oportunidades de sanar dúvidas”. A situação também se apresenta, em certa medida, na Escola Naval, como podemos verificar na tabela 4 a seguir.

Tabela 4. Os conteúdos estavam atualizados?

Satisfação – qualidade das aulas	Frequência	%
Não	1	2,08%
Às vezes	2	4,17%
Quase sempre	5	10,42%
Sempre	40	83,33%
<b>Total</b>	<b>48</b>	

Fonte: Escola Naval (2020, p.9)

Verificamos que 8 (oito) docentes não se sentiram satisfeitos com a qualidade de suas aulas. Moran (2003) destaca que é difícil definir uma metodologia adequada para cada tipo de aula *online*, existindo a necessidade de bem integrar o presencial do virtual,

garantindo a aprendizagem significativa. Tal situação também pode ser confirmada com a figura do professor, ele que detém um papel essencial na construção dessa cultura digital mediando e integrando o presencial com o virtual bem como desenvolvendo competências e habilidades nos alunos.

O relatório em questão apresenta pontos positivos e negativos em relação ao ERE. Os pontos positivos foram: uso diversificado de recursos digitais para acompanhamento das disciplinas; possibilidade de acompanhar os conteúdos de forma interativa e contínua; autonomia na prática de estudos; interação nos grupos de *WhatsApp* agindo como facilitador na disseminação de conteúdos; uso de novas tecnologias de ensino; e disponibilidade do material a qualquer momento nas plataformas digitais. Os principais pontos negativos foram: acesso à internet limitada; interação parcial dos Aspirantes; dificuldade na implementação das atividades avaliativas; ausência de capacitação no que diz respeito ao uso de ensino a distância; ausência de um AVA; e políticas restritas de acesso quanto ao uso de plataformas na Escola Naval.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epígrafe introdutória deste artigo é clara e direta a nós educadores, em especial em um momento tão disruptivo de nossas vidas com a pandemia do novo coronavírus COVID-19, quando o nosso sentimento e vontade na melhor formação dos nossos estudantes está em xeque. A esperança continuamente renascerá com a nossa vontade de procurarmos melhorar sempre, porque fazemos parte do ecossistema educacional que existe para levar, em seu conjunto, um processo de mediação criativa de nossa prática docente àqueles que compartilham conosco desta tarefa humana que é ensinar. O Ensino Remoto Emergencial foi, portanto, a solução de momento encontrada para que o ensino-aprendizagem-avaliação não parasse totalmente.

Nos momentos de crise é que surgem as oportunidades, e a pandemia trouxe inúmeros desafios para a prática docente. A oportunidade de conhecer novas ferramentas tecnológicas que podem facilitar o seu trato na relação com seus estudantes, estes nativos digitais, sabendo que a interação social agora também poderá ser via novas estratégias pedagógicas. O pro-

fessor deixou de ser o centro do conhecimento, mesmo para uma IES militar de tradição tecnicista de carteiras enfileiradas, para oportunizar a melhor relação ensino-aprendizagem-avaliação. As instituições não podem mudar sem a participação voluntária de seus professores, seria uma movimentação sinérgica de ruptura ao tradicional ao serem apresentados a cultura digital.

Com base nas informações obtidas nos dois relatórios analisados, identificou-se que a oportunidade de usar TDIC, em um período acadêmico atípico, permitiu experimentar novas possibilidades de trabalho em sala de aula, mesmo que o tempo-espço não fosse cerrado em quatro paredes. Os conteúdos foram trabalhados de modo mais interativo e híbrido, o que representou em grande medida um incentivo à autonomia dos Aspirantes. Em relação aos professores, perceberam-se as diversas possibilidades de organização didático-pedagógica de suas aulas e a importância da manutenção e do fortalecimento do trabalho integrado junto à Equipe Pedagógica.

Se tentarmos apresentar uma desvantagem da mudança do ensino presencial para o remoto emergencial na Escola Naval, em primeiro lugar teríamos que apresentar que a ruptura na prática docente foi a mais sentida, quando a relação professor-aluno foi, em um primeiro momento, comprometida, para um distanciamento e na aplicação de uma didática pouco praticada pelo coletivo tanto de professores quanto de Aspirantes. Porém, esta desvantagem caminha para tornar-se uma vantagem considerada, quando novos caminhos começam a ser trilhados com a participação de todos os envolvidos no ecossistema educacional, ao conseguirem cumprir todo o calendário acadêmico da instituição, com um mínimo de falhas verificadas.

Assim, acreditamos que o docente pós-pandemia será um outro educador, visto que não deverá mais voltar aos velhos hábitos de ser o único detentor dos conteúdos a serem apresentados, em mão única, aos seus estudantes. O discente também não será mais o mesmo; ele deverá ser o responsável por sua aprendizagem, com autonomia e responsabilidade. A comunicação em rede e as redes sociais ganham força, em um processo que se soma à construção e à socialização do conhecimento. Acreditamos que a educação pós-pandemia terá um reconhecido diferencial no ser humano, que vive numa realidade hiperconectada,

complexa e instantânea, na qual todos deveremos caminhar juntos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *Conversas com quem gosta de ensinar: (+ Qualidade total na educação)*. 14. ed. Campinas, SP: Papiros, 2015.
- CASTIONI, R. *et.al.* Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. *Revista Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.29, n.111, p. 399-419, abr./jun. 2021.
- COSTA, K. A. S. da. *EaD, ensino híbrido e ensino remoto emergencial: perspectivas metodológicas*. Curitiba: DIRAC/PROENS/IFPR, 2020. Disponível em: <https://reitoria.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/09/EaD-Ensino-Hibrido-e-Ensino-Didatico-Emergencial.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.
- HONORATO, H. G.; MARCELINO, A. C. K. B. A arte de ensinar e a pandemia COVID-19: a visão dos professores. In: HONORATO, H. G. *Relato de uma experiência acadêmica: o “eu” professor-pesquisador*. v. 3, Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 17-38.
- MARTINS, R. X. A COVID-19 e o fim da educação a distância: um ensaio. *EmRede*, v. 7, n. 1, p. 242-256, jan./jun. 2020.
- MILL, D.; ZANOTTO, M. A. C. *Didática e prática docente na cultura digital*. São Carlos, SP: SEaD-UFSCar, 2021.
- MORAN, J. M. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In: SILVA, M. (Org.). *Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 41-52.
- MOREIRA, J. A.; SCHEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital *onlife*. *Revista UFG*, v.20, p. 1-35, 2020. DOI: 10.5216/REVUFG.V20.63438.
- PAIVA, V. L. M. de O. Ensino remoto ou Ensino a Distância: efeitos da pandemia. *Estudos Universitários: revista de cultura*. V.37, n.1 e 2, p.58-70, dez. 2020.
- RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia da COVID-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica. *Revista Educação*. v. 10, n.1, p.41-57, 2020. (Número Temático). ISSN Digital: 2316-3828 ISSN Impresso: 2316-333X DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57.
- SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. *Revista Universidade e Sociedade*, ANDES-SN, p.36-49, jan. 2021.